

**ANÁLISE PROSÓDICA DAS CONSTRUÇÕES SUBORDINADAS  
PREDICATIVAS FINITAS À LUZ DA GRAMÁTICA  
DISCURSIVO-FUNCIONAL**

*PROSODIC ANALYSIS OF FINITE PREDICATIVE SUBORDINATE  
CONSTRUCTIONS IN THE LIGHT OF FUNCTIONAL DISCOURSE  
GRAMMAR*

Juan Prete TOJEIRA-RAMOS<sup>1</sup>  
Lisângela Aparecida GUIRALDELLI<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar, sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional, as propriedades prosódicas das construções subordinadas predicativas finitas nas variedades portuguesas. Como material, tomam-se ocorrências retiradas do *corpus* do Projeto *Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais*. Os resultados mostram que a construção em estudo, por ser formulada, pragmaticamente, como um Ato Discursivo, é codificada, em termos prosódicos, como uma única Frase Entonacional, integrante de um Enunciado, a não ser que haja algum tipo de ruptura prosódica ou a anteposição da oração subordinada com relação à oração principal, formando duas curvas entonacionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Funcionalismo; Subordinação predicativa finita; Análise prosódica.

**ABSTRACT:** The aim of this work is to analyze, from the perspective of the Functional Discourse Grammar, the prosodic properties of finite predicative subordinate constructions in Portuguese varieties. The material used consists of occurrences taken from the *Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais* Project corpus. The results show that, since the construction under study is pragmatically formulated as a Discourse Act, it is prosodically coded as a single Intonational Phrase, part of an Utterance, unless there is some kind of prosodic break or the placement of the subordinate clause is placed before the main clause, forming two intonation curves.

**KEYWORDS:** Functionalism; Finite predicative subordination; Prosodic analysis.

---

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura em Letras pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Câmpus de São José do Rio Preto. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), da Unesp, Câmpus de Araraquara. Pesquisador e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mails: [juan.tojeira@unesp.br](mailto:juan.tojeira@unesp.br)/[juanpretetojeiramos@gmail.com](mailto:juanpretetojeiramos@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada do Curso de Bacharelado em Letras com Habilitação em Tradução, pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos pela referida instituição. Docente na Fundação Educacional de Ituverava. Membro do Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF), coordenado pela Profa. Dra. Eroltilde Goreti Pezatti. E-mails: [lislisguiraldelli@uol.com.br](mailto:lislisguiraldelli@uol.com.br)/[lisguiraldelli@gmail.com](mailto:lisguiraldelli@gmail.com).

## 1 Introdução

As orações predicativas, de acordo com a tradição gramatical, são descritas como estruturas com função sintática de predicativo do sujeito. Já na literatura linguística, tais construções são compreendidas como casos de encaixamento ou como uma relação subordinativa que ainda carece de uma maior explanação. Souza e Guiraldelli (2016), fundamentando-se na perspectiva funcionalista da linguagem, defendem que o processo morfossintático de subordinação é estabelecido por fatores pragmáticos e semânticos.

O objetivo deste estudo é analisar, à luz da Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), desenvolvida por Hengeveld e Mackenzie (2008) e Keizer (2015), as propriedades prosódicas das construções subordinadas predicativas finitas nas variedades portuguesas. Para a realização do referido estudo, são utilizadas ocorrências retiradas do *corpus* do Projeto *Português Falado: Variedades Geográficas e Sociais*, organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha, que fornece amostragens do português falado nos países lusófonos.

Nos dados analisados, observa-se que a construção formada por uma oração principal e uma oração subordinada finita constitui um Ato Discursivo Ilocucionário e que, na maioria das ocorrências verificadas, essa construção é codificada, de forma prosódica, como uma única Frase Entonacional, apresenta modulação melódica própria e integra um Enunciado. Em casos de ruptura prosódica ou de anteposição da oração subordinada em relação à principal, a construção apresenta uma caracterização fonológica distinta, formando duas curvas entonacionais, com propriedades melódicas particulares.

O trabalho está organizado da seguinte forma: a próxima seção apresenta uma visão geral do arcabouço teórico da GDF; em seguida, na terceira seção, é apresentada uma concisa introdução do Nível Fonológico do aparato teórico adotado; por último, antes das considerações finais, são descritos os aspectos prosódicos da construção subordinada predicativa finita.

## 2 Fundamentação teórica

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), a GDF é organizada como o Componente Gramatical de uma teoria mais ampla da interação verbal e considera dois pontos importantes no estudo referente à linguagem: a concepção de língua como instrumento de interação social e os estudos dos fenômenos linguísticos baseados no uso real da língua.<sup>3</sup> Dessa forma, a GDF dá continuidade à Gramática Funcional (GF) proposta por Dik (1989; 1997).<sup>4</sup>

A organização gramatical é apresentada, pela GDF, de forma descendente (*top-down*), com quatro níveis de análise que são estruturados em camadas hierárquicas.

---

<sup>3</sup> Para conhecer a GDF, ver Tojeira-Ramos (2021).

<sup>4</sup> Para conhecer o funcionalismo linguístico e, em particular, o modelo teórico da GF, ver Pezatti (2011) e Tojeira-Ramos (2020).

Na GDF, a pragmática conduz a semântica. A pragmática e a semântica, por sua vez, regem a morfossintaxe, e as três juntas governam a fonologia. O Componente Gramatical desta teoria interage com outros componentes não gramaticais, que são: o Componente Conceitual, o Componente Contextual e o Componente de Saída.

O Componente Gramatical estabelece a interação com os outros componentes por meio de duas operações, a Formulação e a Codificação. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 2), enquanto a Formulação se preocupa com as regras que determinam o que constitui representações pragmáticas e semânticas subjacentes válidas em uma língua, a Codificação se preocupa com as regras que transformam essas representações pragmáticas e semânticas em representações morfossintáticas e fonológicas.

O Componente Conceitual é responsável pelo desenvolvimento da intenção comunicativa relevante em cada evento de fala e pelas conceitualizações associadas a eventos extralinguísticos pertinentes. O Componente Conceitual é considerado a força “motriz” por trás do Componente Gramatical, ou seja, é o componente que dá o impulso para que a gramática comece a funcionar. A relação entre o Componente Conceitual e o Componente Gramatical é estabelecida, então, pela operação de Formulação, que pode ser interpretada como a que converte uma representação conceitual em representações pragmáticas e semânticas linguisticamente relevantes e disponíveis em dada língua.

O Componente Contextual contém a descrição do conteúdo e da forma do discurso precedente, do contexto real perceptível em que ocorre o evento de fala e das relações sociais existentes entre os participantes. Desse modo, o Componente Contextual e o Componente Gramatical se relacionam por meio de muitos processos gramaticais, como encadeamento narrativo, progressão textual, cadeias anafóricas, entre outros, cujos antecedentes, no Componente Contextual, são retomados no Componente Gramatical.

O Componente de Saída, por outro lado, é externo ao Componente Gramatical, mas depende das informações oferecidas pelo segundo, uma vez que converte as representações morfossintáticas e fonológicas em expressões linguísticas de diferente natureza — acústica, gestual e ortográfica.

No Nível Interpessoal, são analisados os aspectos formais da unidade linguística que estejam ligados à relação de interação entre Falante e Ouvinte, tendo em vista que uma determinada expressão está associada a uma dada intenção comunicativa. É nesse nível que são representados todos os aspectos relativos ao conteúdo comunicado pelo Falante. Vale lembrar que, tanto no Nível Interpessoal como em qualquer outro nível, somente as distinções gramaticalmente relevantes são descritas. Na hierarquia desse nível, há as seguintes camadas: Movimento, Ato Discursivo, Ilocução, Conteúdo Comunicado e Subatos Referencial e Atributivo.

O Nível Representacional, por sua vez, lida com os aspectos semânticos da unidade linguística. Na GDF, o termo *semântica* se restringe: (i) ao modo como uma língua se relaciona ao mundo real ou imaginário que ela descreve e (ii) ao significado de estruturas lexicais isoladas do modo como são usadas na comunicação. À vista disso, no Nível Representacional, as estruturas linguísticas são descritas em termos da denotação que fazem de uma entidade e, portanto, a diferença entre as unidades desse nível é feita

em termos da categoria denotada. Em outras palavras, enquanto o Nível Interpessoal trata de evocar, o Nível Representacional trata de designar. As camadas desse nível são compostas de Conteúdo Proposicional, Episódio, Estado de Coisas e, enfim, Propriedade Configuracional, que contém unidades semânticas sem combinação hierárquica entre si, como Propriedade Lexical, Indivíduo, Lugar, Tempo, Maneira, Quantidade e Razão.

Já o Nível Morfossintático converte as representações dos níveis Interpessoal e Representacional em representações morfossintáticas, que são convertidas em representações fonológicas (segmentais e prosódicas), no Nível Fonológico. Esse nível também é composto de camadas hierárquicas: Expressão Linguística, Oração, Sintagma e Palavra.

Por último, o Nível Fonológico, que é mais bem apresentado na próxima seção, serve de *input* para a operação de Articulação e, seguindo o modelo não linear da Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986), também apresenta camadas hierarquicamente ordenadas, que são: Enunciado, Frase Entonacional, Frase Fonológica, Palavra Fonológica, Pé e Sílabas.

### 3 Uma breve introdução ao Nível Fonológico

O Nível Fonológico é responsável pelos aspectos da codificação não abrangidos pelo Nível Morfossintático. Trata-se de um nível que:

Serve de *input* para a operação de Articulação, que, no caso de um Componente de Saída Acústico,<sup>5</sup> contém regras fonéticas e suprasegmentais necessárias para se obter um enunciado adequado (Pezatti, 2021, p. 48).

Assim, enquanto o Componente de Saída Acústico, no caso da língua falada, é “analógico”, pelo fato de lidar com questões como frequência dos formantes, intensidade, duração e características espectrais, refletindo a qualidade da voz individual, mudanças momentâneas de humor, entre outros aspectos, o Nível Fonológico é “digital”, uma vez que contém “representações em fonemas que são,<sup>6</sup> em última análise, baseadas em oposições fonológicas binárias” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 421, tradução nossa).<sup>7</sup>

Hengeveld e Mackenzie (2012) afirmam que os primitivos com os quais o Nível Fonológico opera incluem:

---

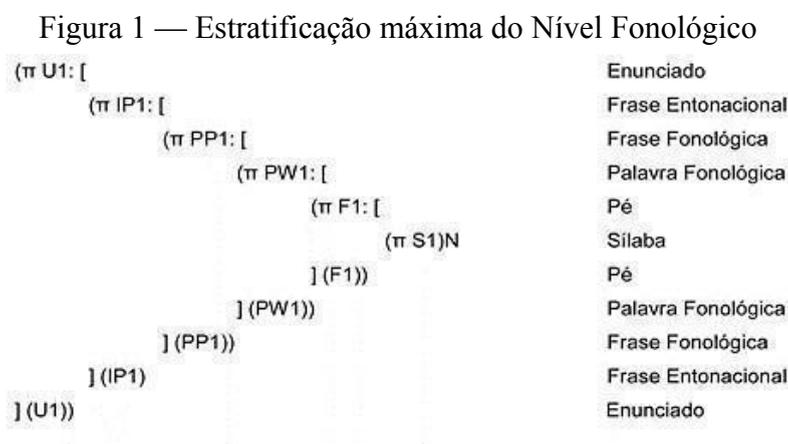
<sup>5</sup> De acordo com Keizer (2015, p. 28), a operação de Articulação ocorre fora da gramática de uma língua. No caso da língua falada, o resultado pode ser afetado por fatores contextuais, tanto de curto prazo, como um resfriado, quanto de longo prazo, como diferenças tonais entre Falantes individuais, por conta de diferenças em relação ao comprimento das pregas vocais. Tais fatores, pelo fato de não servirem a uma função comunicativa, não são considerados como formas de codificação gramatical (Keizer, 2015, p. 28).

<sup>6</sup> O *fonema*, como se sabe, consiste em uma unidade sonora que se diferencia funcionalmente das outras unidades linguísticas (Silva, 2022, p. 135). O *arquifonema*, por sua vez, que é mencionado adiante, representa “a neutralização de dois ou mais fonemas em um contexto específico” (Silva, 2015, p. 62, grifo no original).

<sup>7</sup> *representations in phonemes that are ultimately based in binary phonological oppositions.*

(i) os padrões prosódicos que se aplicam em cada camada de análise, (ii) um inventário das sequências segmentais (o léxico gramatical) que expressam configurações específicas de morfemas ou marcadores de posição [placeholders] introduzidos em outros níveis, e (iii) um conjunto de operadores terciários que terão seu efeito final no componente de saída (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 62, grifo dos autores).

Tal como ocorre nos níveis Interpessoal, Representacional e Morfossintático, o Nível Fonológico apresenta uma organização hierarquicamente ordenada em camadas. A representação da estratificação máxima desse nível de organização linguística se encontra ilustrada na Figura 1. Parte dessa hierarquia também está presente no modelo não linear da Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986), que assume o fato de que “relações sintáticas são informações relevantes a partir das quais se configuram os constituintes prosódicos” (Tenani, 2017, p. 110).<sup>8</sup>



Fonte: Adaptada de Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 432)

Com base na ilustração apresentada anteriormente, observa-se que, em termos hierárquicos, um Enunciado (U) consiste em uma ou mais Frases Entonacionais (IP). Uma Frase Entonacional, por sua vez, é composta de uma ou mais Frases Fonológicas (PP). Cada Frase Fonológica contém uma ou mais Palavras Fonológicas (PW). Uma Palavra Fonológica, no que lhe diz respeito, é composta de um ou mais Pés (F), que, por seu turno, são constituídos de, pelo menos, uma Sílabas (s) (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 429).<sup>9</sup>

A próxima seção tem como principal objetivo fornecer uma descrição prosódica da construção subordinada predicativa finita na gramática do português falado,<sup>10</sup> em suas variedades brasileira, europeia e africana.<sup>11</sup> Assim como em Tojeira-Ramos (2024, p. 63), defende-se, neste trabalho, que os elementos prosódicos, muitas vezes negligenciados pelas descrições linguísticas e gramaticais, “não são simples enfeites

<sup>8</sup> Para conhecer a Fonologia Prosódica, ver Tenani (2017).

<sup>9</sup> As camadas que interessam a este trabalho são mais bem explicadas no decorrer das análises.

<sup>10</sup> Nesse tipo de construção, a oração subordinada é, morfossintaticamente, introduzida por uma conjunção integrante, na denominação da tradição gramatical.

<sup>11</sup> Embora utilize um *corpus* composto de amostras do português falado nos países lusófonos, este estudo não assume um tratamento sociolinguístico dos dados coletados.

fonéticos da linguagem oral, mas uma das maneiras que a linguagem tem de carregar significados” (Cagliari, 2002, p. 46).<sup>12</sup>

#### 4 As propriedades prosódicas da construção subordinada predicativa finita<sup>13</sup>

No Nível Fonológico, a construção predicativa prototípica finita é codificada como uma única Frase Entonacional.<sup>14</sup> Uma Frase Entonacional dispõe de propriedades internas e externas. Internamente, ela:

Contém um núcleo, ou seja, um movimento tonal localizado em uma ou mais Sílabas que é essencial para a caracterização da Frase Entonacional como um todo (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 432, tradução nossa).<sup>15</sup>

Trata-se de um constituinte prosódico que se define por apresentar um contorno entonacional identificável (Bisol, 2014, p. 268).<sup>16</sup> Já no que diz respeito aos seus aspectos externos, uma Frase Entonacional é “separada de outras Frases Entonacionais por uma pausa,<sup>17</sup> normalmente menos longa do que a pausa usada para separar Enunciados uns dos outros” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 432, tradução nossa).<sup>18</sup>

Na ocorrência em (1), ilustrada computacionalmente na Figura 2 por meio do *software* Praat,<sup>19</sup> a construção *a verdade é que eles não têm tempo absolutamente nenhum* constitui uma única Frase Entonacional, cujo movimento melódico está localizado na Sílaba /'juN/.<sup>20</sup> Uma Sílaba “consiste no máximo de três partes, ordenadas incrementalmente da seguinte forma: um ataque, um núcleo e uma coda, em que o núcleo e a coda juntas formam a rima” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 450, tradução

---

<sup>12</sup> Os resultados do trabalho são apresentados e discutidos em Tojeira-Ramos e Guiraldelli (2024) e Guiraldelli e Tojeira-Ramos (2024).

<sup>13</sup> Neste estudo, entende-se por *construção subordinada predicativa* a combinação que ocorre entre a oração principal e a subordinada predicativa.

<sup>14</sup> A construção predicativa prototípica é formada, em termos estruturais, pelos seguintes elementos: Sintagma Nominal (com a função sintática Sujeito), Palavra Verbal (cópula) e subordinada predicativa.

<sup>15</sup> *contains a nucleus, i.e. a pitch movement localized on one or more Syllables which is essential to the characterization of the Intonational Phrase as a whole.*

<sup>16</sup> De modo geral, a *entonação* pode ser caracterizada como “as modulações melódicas da fala que vão desempenhar uma série de funções num nível superior ao da palavra” (Moraes; Rilliard, 2022, p. 45). Foneticamente, a entonação é resultante das variações da frequência fundamental (Oliveira Jr., 2022, p. 264), que, por seu turno, decorrem da frequência de vibração das pregas vocais (Moraes; Rilliard, 2022, p. 46).

<sup>17</sup> Define-se *pausa*, segundo Silva (2015, p. 172), como uma “propriedade de organização do discurso que é relacionada com o planejamento temporal da produção da fala”.

<sup>18</sup> *separated from other Intonational Phrases by a pause, typically less long than the pause used to separate Utterances from each other.*

<sup>19</sup> O *software* Praat, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, do Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdã, encontra-se disponível para *download* em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>.

<sup>20</sup> Para as transcrições fonêmicas, este estudo se pauta em Silva (2022).

nossa).<sup>21</sup> No exemplo em análise, a Sílabas /juN/,<sup>22</sup> em que ocorre o movimento tonal descendente, apresenta o fonema /j/ como ataque,<sup>23</sup> o fonema /u/ como núcleo,<sup>24</sup> e o arquifonema /N/ como coda.<sup>25</sup>

- (1) (...) depois têm testes, têm que estar preparados para os testes, acabam uns começam outros, e *a verdade é que eles não têm tempo absolutamente nenhum*. é uma adolescência estúpida, porque eles não vão ao, não podem ir a lado nenhum, não têm tempo para, para se dedicar a, à música - ela, por exemplo, andava em piano teve que deixar, andava em ginástica teve que deixar (PT95:VidaEstudante)

Figura 2 — Análise computacional da ocorrência *a verdade é que eles não têm tempo absolutamente nenhum*



Fonte: Autoria própria

Uma Frase Entonacional corresponde, geralmente, a um Ato Discursivo, no Nível Interpessoal. Um Ato Discursivo consiste na menor unidade identificável de comportamento comunicativo (Kroon, 1995, p. 65). Pragmaticamente, a construção predicativa é formulada como um Ato Discursivo Ilocucionário, composto de dois Subatos de Referência, que representam “duas diferentes perspectivas semânticas da mesma unidade” (Souza; Guiraldelli, 2016, p. 92).

A ocorrência em (1), apresentada anteriormente, exemplifica um caso em que a construção predicativa constitui, no Nível Interpessoal, um Ato Discursivo com Ilocução Declarativa, em que “o Falante informa o Ouvinte do Conteúdo Proposicional evocado pelo Conteúdo Comunicado” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 71, tradução

<sup>21</sup> *consists maximally of three parts, ordered incrementally as follows: an onset, a head, and a coda, whereby the head and the coda together form the rhyme.*

<sup>22</sup> Cagliari (1981), fundamentando-se em Stetson (1951), define que a Sílabas, de um ponto de vista fonético, é “o resultado de movimentos musculares, quando os músculos da respiração modificam o processo respiratório adaptando-o ao processo da fala” (Cagliari, 1981, p. 99). Para a perspectiva discursivo-funcional, tal processo fisiológico ocorre no Componente de Saída Acústico, no qual a mensagem é finalmente articulada.

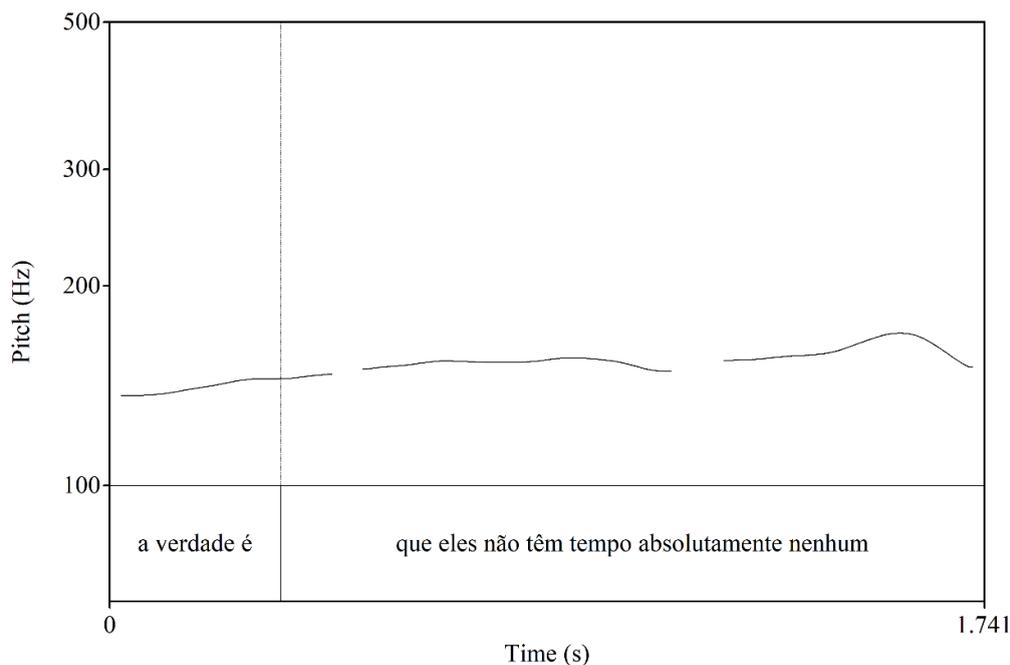
<sup>23</sup> De acordo com Keizer (2015, p. 309), o *ataque* é uma parte da estrutura silábica formada por uma ou mais consoantes que precedem o pico. Acusticamente, trata-se de uma parte periférica de intensificação de força muscular (Cagliari, 1981, p. 101).

<sup>24</sup> Silva (2022, p. 76) afirma que o *núcleo*, também chamado de *pico*, é uma parte obrigatória da estrutura silábica, normalmente preenchida por um segmento de natureza vocálica. Diferentemente de certas línguas, o português dispõe, como núcleo silábico, de um segmento vocálico.

<sup>25</sup> Conforme Keizer (2015, p. 300), a *coda* é uma parte da estrutura silábica formada por uma ou mais consoantes que seguem o pico. Acusticamente, trata-se de uma parte periférica de redução de força muscular (Cagliari, 1981, p. 101).

nossa).<sup>26</sup> Prosodicamente, a Frase Entonacional *a verdade é que eles não têm tempo absolutamente nenhum*, ilustrada na Figura 3, contém o operador de queda 'f' (*falling*), acionando o contorno de entonação descendente.<sup>27</sup> No *corpus* selecionado, foram encontrados apenas exemplos de predicativas com contorno prosódico descendente, ou seja, somente ocorrências em que, no Nível Interpessoal, há um Ato Discursivo Declarativo.

Figura 3 — Gráfico do contorno entonacional da ocorrência *a verdade é que eles não têm tempo absolutamente nenhum*<sup>28</sup>



Fonte: Autoria própria

Rodrigues (2001, p. 198), em seu estudo intitulado *A prototipicidade das orações predicativas*, afirma que a estrutura prototípica do tipo de construção em investigação é: SN + V (*ser*) + predicativa.<sup>29</sup> Nesses contextos, conforme discutido nesta seção, a construção predicativa é codificada, caso não haja nenhum tipo de

<sup>26</sup> *the Speaker informs the Addressee of the Propositional Content evoked by the Communicated Content.*

<sup>27</sup> Cagliari (1992, p. 138) afirma que um tom descendente marca, no português, uma frase afirmativa.

<sup>28</sup> De acordo com Galvão Passetti (2021, p. 92), Boersma e Weenink (2019) sugerem utilizar, para a filtragem da frequência fundamental ( $F_0$ ), um intervalo entre 100 e 500 Hz para falantes do sexo feminino, haja vista que costumam ter vozes mais agudas. Assim, Barbosa e Silva (2012) orientam suavizar a frequência fundamental dos dados por meio de um filtro de 5 Hz, o que é feito no *software* Praat, para melhor visualização das curvas entonacionais linguisticamente relevantes. Tais procedimentos metodológicos também são adotados em Tojeira-Ramos e Pezatti (2022b), Tojeira-Ramos (2023b) e Tojeira-Ramos (2024).

<sup>29</sup> SN indica sintagma nominal e V, verbo.

“acidente” prosódico na fronteira entre a oração principal e a subordinada,<sup>30</sup> como uma única Frase Entonacional, composta, por sua vez, de outras Frases Fonológicas.<sup>31</sup>

Na maioria esmagadora das ocorrências coletadas, não há a presença de pausa explícita (silêncio) na fronteira entre a oração principal e a subordinada. Na ocorrência em (2), ilustrada na Figura 4, por exemplo, não há pausa clara entre *a verdade é* (oração principal) e *que não se pode dizer isto aos miúdos de quinze, dezasseis, dezassete anos* (oração subordinada).

- (2) -> eh, só sei é que realmente se está a estraga[...], e[...], eu olho para eles - claro que eu não vou dizer isto assim, à minha filha posso dizer, porque ela é muito responsável, mas ***a verdade é que não se pode dizer isto aos miúdos de quinze, dezasseis, dezassete anos*** - mas a verd[...], mas sinto que eles não vivem nada que diga respeito à adolescência. eles não podem ver televisão porque os pais mandam-nos para a cama, porque de manhã têm que se levantar às sete e um quarto, depois passam o dia inteiro nas aulas, chegam à noite, eh, não têm tempo, como digo, para fazer, ah, qualquer actividade extra-curricular. (PT95:VidaEstudante)

Figura 4 — Análise computacional da ocorrência *a verdade é que não se pode dizer isto aos miúdos de quinze, dezasseis, dezassete anos*



Fonte: Autoria própria

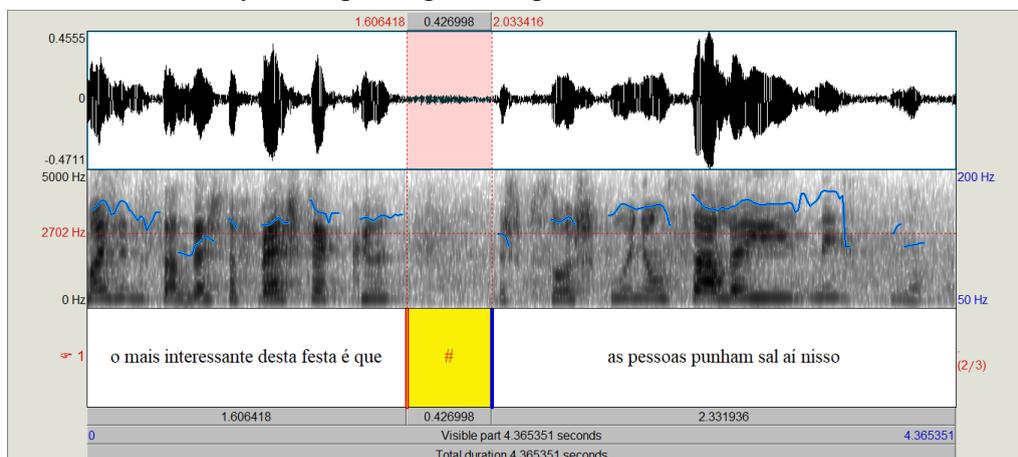
Há, entretanto, casos como (3), ilustrado na Figura 5, em que se verifica, depois da conjunção *que*, a presença de pausa explícita, cuja função não é, por exemplo, delimitar duas unidades comunicativas, mas “apenas dar tempo ao falante para elaboração de seu discurso” (Câmara, 2015, p. 31). Trata-se de uma *pausa silenciosa*, que se caracteriza por refletir “a ausência de palavras específicas durante a produção de um enunciado” (Silva, 2015, p. 172).

<sup>30</sup> Neste estudo, em concordância com Garcia (2010, p. 112), entende-se por “*acidente*” prosódico alterações como pausa, mudança de tessitura e diferença de contorno prosódico, que podem acarretar “um afrouxamento do grau de dependência semântica e morfossintática entre a oração principal e a subordinada” (Souza, 2016, p. 218).

<sup>31</sup> Na língua portuguesa, assim como em outras línguas acentuais, uma Frase Fonológica contém uma Sílabas mais fortemente acentuada do que as outras, que, em geral, é o local principal para a queda ou subida global dentro da Frase Entonacional (Hengeveld; Mackenzie, 2012, p. 64).

- (3) -> incríveis contracções. e o bebé nascia à vontade e sem problema de rasgos. no entanto estava aí a parteira, ou não, que normalmente não tinha parteira, diga-se em abono da verdade, mas *o mais interessante desta festa é que as pessoas punham sal aí nisso*. na[...], não tinha nada a ver com o sal, não é, (CV95:ColherPanela)

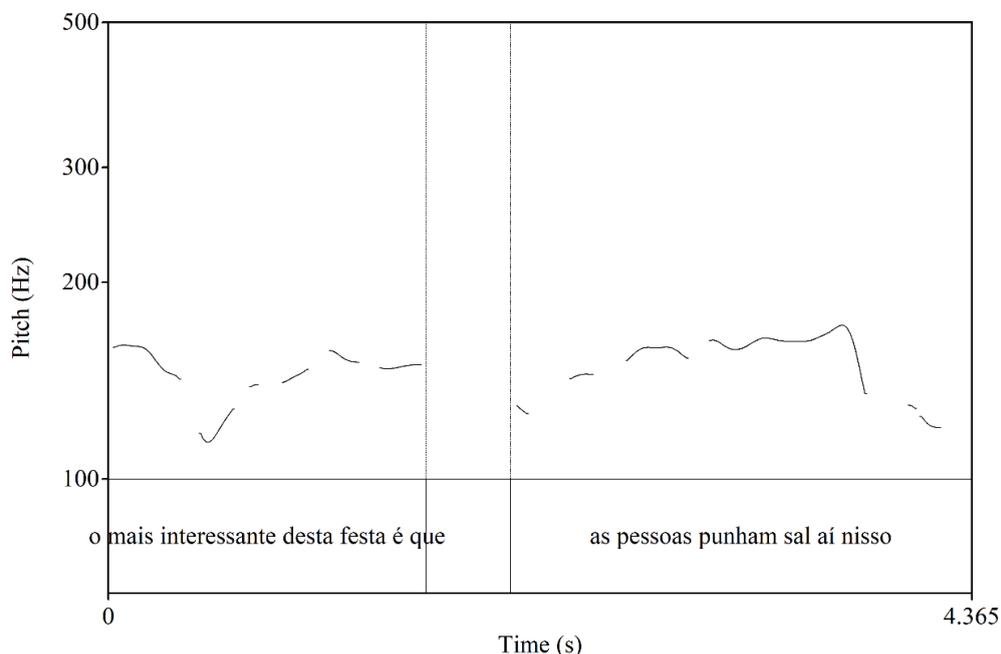
Figura 5 — Análise computacional da ocorrência *o mais interessante desta festa é que as pessoas punham sal aí nisso*



Fonte: Autoria própria

Em ocorrências como (3), em que o Falante segmenta o trecho discursivo por meio de pausa para dar tempo de ele elaborar o que é dito em seguida, há duas Frases Entonacionais, cada qual com uma caracterização prosódica particular. No referido exemplo, cujo gráfico do contorno de entonação encontra-se na Figura 6, *o mais interessante desta festa é que* configura uma Frase Entonacional e *as pessoas punham sal aí nisso*, outra Frase Entonacional, mesmo que a construção como um todo constitua um único Ato Discursivo, no Nível Interpessoal. Desse modo, trata-se de um caso em que não ocorre uma relação de transparência (isomorfismo) entre os níveis de organização linguística.

Figura 6 — Gráfico do contorno entonacional da ocorrência *o mais interessante desta festa é que as pessoas punham sal aí nisso*



Fonte: Autoria própria

Seguindo o modelo não linear da Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986), no qual a perspectiva discursivo-funcional se pauta para a análise fonológica, observa-se que, na ocorrência em (3), há uma reestruturação prosódica, tendo em vista que a Frase Entonacional *o mais interessante desta festa é que as pessoas punham sal aí nisso* é reestruturada em duas Frases Entonacionais menores (*o mais interessante desta festa é que* e *as pessoas punham sal aí nisso*). A reestruturação do domínio da Frase Entonacional pode ocorrer em razão de fatores como comprimento de constituintes, taxa de elocução e estilo, que “interagem com restrições sintáticas e semânticas” (Frota, 2000, p. 57, tradução nossa). Entretanto, com base nas Figuras 5 e 6, é possível notar que a reestruturação da Frase Entonacional não coincide com a fronteira morfossintática entre a oração principal (*o mais interessante desta festa é*) e a oração subordinada (*que as pessoas punham sal aí nisso*), haja vista que a pausa ocorre após a conjunção *que*, pertencente à subordinada, em razão de fatores processuais.

Conforme abordado na seção, se o processo de reestruturação prosódica não ocorre, a construção em investigação, formada por uma oração principal e uma subordinada, é codificada como uma Frase Entonacional, ao contrário do exemplo discutido em parágrafos precedentes. Na hierarquia prosódica, a camada da Frase Entonacional integra a do Enunciado. De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 430), um Enunciado, ou seja, o maior trecho discursivo abrangido pelo Nível Fonológico, caracteriza-se pelo fato de ser separado de outros Enunciados por meio de pausas longas (claramente perceptíveis), que jamais são compreendidas como hesitações

(Hayes, 1989), e por apresentar distinções de altura (“paratons”) que o marcam como um grupo tonal autônomo (Brown; Yule, 1983).<sup>32</sup>

Com relação, especificamente, aos “paratons”, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 430) apontam que eles:

[...] são definidos para o inglês por Thompson (1994, p. 65-66) como ‘unidades estruturais do discurso falado relacionadas ao tópico que são caracterizadas fonologicamente por tom relativamente alto na primeira sílaba proeminente e por tom extra baixo na sílaba tônica final, comumente seguido por uma pausa significativa’ (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 430, tradução nossa).<sup>33</sup>

A título de exemplo, na ocorrência em (1), repetida em (4) por conveniência e ilustrada na Figura 7, a Frase Entonacional *a verdade é que eles não têm tempo absolutamente nenhum* integra, em termos hierárquicos, um Enunciado. Prosodicamente, evidencia-se a presença de uma maior queda de tom na camada do Enunciado, acionado por meio de um operador descendente adicional na Sílaba /'juN/, cuja função é a de indicar, no Nível Interpessoal, o encerramento de um Movimento (Keizer, 2015, p. 258).<sup>34</sup> Um Movimento é “uma contribuição autônoma para uma interação contínua” (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 50, tradução nossa),<sup>35</sup> que se constitui de um ou mais Atos Discursivos.

- (4) (...) depois têm testes, têm que estar preparados para os testes, acabam uns começam outros, e *a verdade é que eles não têm tempo absolutamente nenhum*. é uma adolescência estúpida, porque eles não vão ao, não podem ir a lado nenhum, não têm tempo para, para se dedicar a, à música - ela, por exemplo, andava em piano teve que deixar, andava em ginástica teve que deixar (PT95:VidaEstudante)

<sup>32</sup> Hengeveld e Mackenzie (2012, p. 63), apoiando-se em Venditti (2005, p. 191), apontam que a perspectiva discursivo-funcional representa essas distinções de altura como operadores da variável (v), de modo que o Componente de Saída Acústico pode reagir a uma fronteira de Enunciado inserindo fenômenos como abaixamento da frequência fundamental final, alongamento segmental, voz crepitante (*creaky voice*), redução da amplitude, pausas longas, contornos de “finalidade” estilizados, entre outros.

<sup>33</sup> [...] *are defined for English by Thompson (1994: 65–6) as ‘topic-related structural units of spoken discourse which are characterized phonologically by relatively high pitch on the first prominent syllable and by extra low pitch on the final tonic syllable, commonly followed by a significant pause’.*

<sup>34</sup> Na transcrição do oral para o escrito, o término de um Enunciado descendente é, normalmente, representado pelo emprego de ponto. Em (4), esse sinal de pontuação “assinala a pausa máxima da voz depois de um grupo fônico de final descendente” (Cunha; Cintra, 2016, p. 664).

<sup>35</sup> *an autonomous contribution to an ongoing interaction.*

Figura 7 — Análise computacional da ocorrência *a verdade é que eles não têm tempo absolutamente nenhum*



Fonte: Autoria própria

Nas ocorrências em que a subordinada se encontra anteposta (deslocada) à oração principal,<sup>36</sup> há, por sua vez, outra codificação fonológica, o que evidencia um impacto da morfossintaxe sobre a fonologia. Em (5), extraído de Neves (2018, p. 1102) e lido por uma informante, por exemplo, a subordinada predicativa *que haja um só rebanho e um só pastor* está anteposta à principal *sempre foi a maior preocupação da Igreja*. Conforme se vê na Figura 8, essas orações são codificadas, no Nível Fonológico, como duas Frases Entonacionais, cada qual com modulações prosódicas particulares, corroborando, assim, a afirmação de Nespor e Vogel (2007, p. 188) de que determinados elementos movidos parecem formar domínios entonacionais por conta própria.<sup>37</sup> Assim:

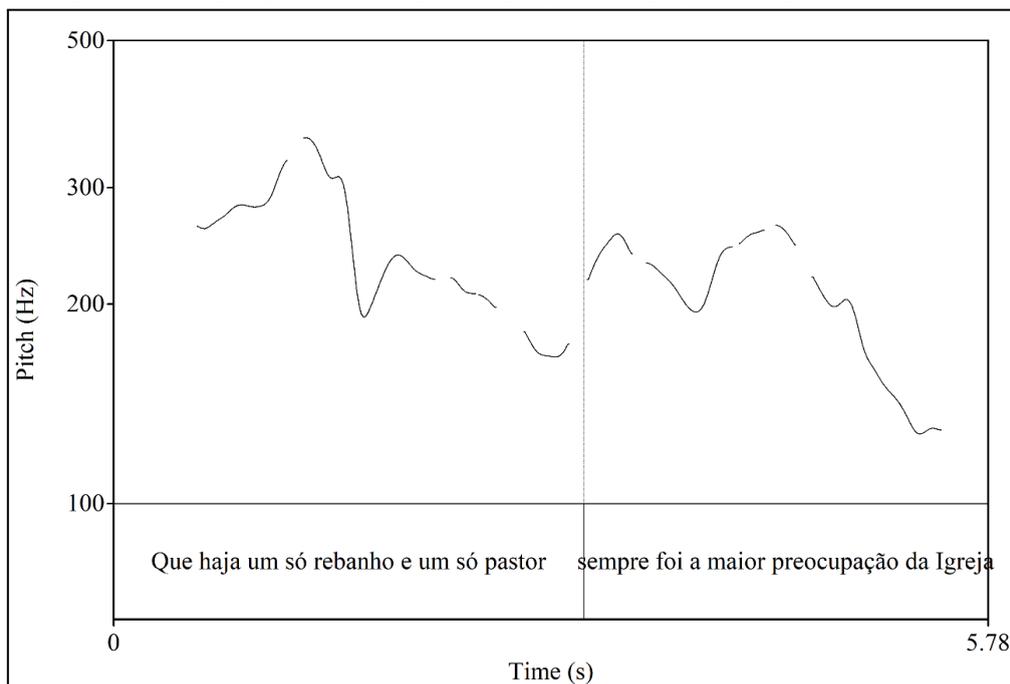
A depender dos propósitos comunicativos do Falante, as construções são formuladas de maneiras distintas e, conseqüentemente, codificadas, no Nível Fonológico, com propriedades prosódicas peculiares (Tojeira-Ramos; Pezatti, 2022b, p. 167).

- (5) ***Que haja um só rebanho e um só pastor, sempre foi a maior preocupação da Igreja.***  
(CRU-J)

<sup>36</sup> No *corpus* em investigação, representativo da modalidade falada da língua portuguesa, não foram encontradas ocorrências em que a oração subordinada predicativa se antepõe à oração principal.

<sup>37</sup> Ressalva-se, entretanto, que, para conclusões mais definitivas, é necessária uma amostra constituída de um maior número de ocorrências de construções em que a oração subordinada predicativa se antepõe à oração principal.

Figura 8 — Gráfico dos contornos entonacionais da ocorrência *Que haja um só rebanho e um só pastor, sempre foi a maior preocupação da Igreja*, lida por uma informante<sup>38</sup>



Fonte: Autoria própria

Observa-se que, na fronteira entre as duas Frases Entonacionais da ocorrência em análise, há um *tom de continuidade*, também conhecido, na literatura fonológica, como *padrão continuativo* (Gonçalves, 1997) ou *tom suspensivo* (Cagliari, 1992), que sinaliza o término do contorno prosódico da primeira Frase Entonacional e a presença de outra Frase Entonacional a seguir, como ilustrado na Figura 8. Em termos discursivo-funcionais, esse tipo de tom, caracterizado por um contorno medial continuativo que associa um tom levemente ascendente à fronteira direita da Frase Entonacional (Soncin, 2012, p. 396), é acionado por um operador de subida 'r' (*rising*).<sup>39</sup>

Hierarquicamente, as Frases Entonacionais *que haja um só rebanho e um só pastor* e *sempre foi a maior preocupação da Igreja*, presentes no exemplo em (5), constituem um único Enunciado, precedido e seguido por uma pausa maior do que aquela que, em geral, separa Frases Entonacionais umas das outras, conforme ilustra a Figura 9. Nessa ocorrência, verifica-se que, prosodicamente, há um tom extra baixo na camada do Enunciado, acionado por um operador descendente adicional na Sílabas /'za/ da segunda Frase Entonacional, indicando, em termos pragmático-discursivos, o término do Movimento.

<sup>38</sup> Para a análise do exemplo em (5), grava-se a voz de uma informante de 54 (cinquenta e quatro) anos de idade, sexo feminino, residente da cidade de Guaraci, localizada no interior do estado de São Paulo, Brasil. Solicitou-se à informante a assinatura de um termo de consentimento, seguindo os procedimentos éticos da pesquisa.

<sup>39</sup> Na transcrição do oral para o escrito, essa mudança de tom, geralmente acompanhada de uma pausa breve no Componente de Saída Acústico, costuma ser representada pelo emprego de vírgula. No exemplo em (5), o uso da vírgula na fronteira entre as duas Frases Entonacionais assinala, por exemplo, o fato de que “a voz fica em suspenso, à espera de que o período se complete” (Cunha; Cintra, 2016, p. 668).

Figura 9 — Análise computacional da ocorrência *Que haja um só rebanho e um só pastor, sempre foi a maior preocupação da Igreja*, lida por uma informante



Fonte: Autoria própria

A próxima seção fornece algumas considerações em relação ao que se discute nesta investigação científica.

### Considerações finais

Este estudo fornece a caracterização prosódica de construções subordinadas predicativas finitas produzidas em contextos reais de uso da língua portuguesa, com base nos princípios teórico-metodológicos do funcionalismo holandês contemporâneo (Hengeveld; Mackenzie, 2008; Keizer, 2015), que se pauta, para a análise fonológica, no modelo não linear da Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986).

Em diálogo com o trabalho de Souza e Guiraldelli (2016), publicado na obra intitulada *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional*, considera-se que a construção em estudo, formada por uma oração principal e uma oração subordinada finita, constitui, em termos pragmático-discursivos, um Ato Discursivo Ilocucionário. Em uma relação de alinhamento entre os níveis de organização linguística que constituem o Componente Gramatical, verifica-se que, na maioria esmagadora das ocorrências, esse tipo de construção é codificado, prosodicamente, como uma única Frase Entonacional, com modulação melódica própria, integrante de um Enunciado, pelo fato de corresponder a uma unidade comunicativa.

Entretanto, observa-se que, caso haja algum tipo de ruptura prosódica, em razão de fatores extralinguísticos, ou a anteposição da oração subordinada com relação à oração principal, infringindo a ordenação canônica, a construção como um todo dispõe de uma caracterização fonológica distinta. Mais especificamente, nas situações mencionadas, são formadas duas curvas entonacionais, com propriedades prosódicas particulares. Nesses casos, não ocorre, portanto, uma relação de isomorfismo entre as dimensões pragmática e prosódica da linguagem, tendo em vista que, embora a

construção em questão configure um único Ato Discursivo no Nível Interpessoal, ela constitui mais de uma Frase Entonacional, no Nível Fonológico.

Por último, espera-se que essa investigação científica contribua para o avanço da análise e da descrição da subordinação predicativa, especialmente no tocante aos aspectos prosódicos dessas estruturas gramaticais, além de se juntar ao restrito grupo de pesquisas (por exemplo, Câmara, 2015; Tojeira-Ramos; Pezatti, 2022a; Tojeira-Ramos; Pezatti, 2022b; Tojeira-Ramos, 2023a; Tojeira-Ramos, 2023b; Tojeira-Ramos, 2024; Tojeira-Ramos; Guiraldelli, 2024; Guiraldelli; Tojeira-Ramos, 2024) que enfocam, de forma particular, a prosódia da língua portuguesa em uma perspectiva discursivo-funcional.

### Como citar este artigo?

TOJEIRA-RAMOS, J. P.; GUIRALDELLI L. A. A análise prosódica das construções subordinadas predicativas finitas à luz da gramática discursivo-funcional. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 23, n. 1, p. 25–43, 2024.

### Referências

- BARBOSA, P. A.; SILVA, W. A New Methodology for Comparing Speech Rhythm Structure between Utterances: Beyond Typological Approaches. In: *International Conference on Computational Processing of the Portuguese Language*, 10, 2012, Coimbra. Proceedings [...]. Heidelberg: Springer, 2012. p. 329–337. Lecture Notes in Computer Science (LNCS, v. 7243) book series.
- BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5. ed. rev. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *Praat: doing phonetics by computer* [programa de computador]. 2024. Disponível em: <http://www.praat.org/>.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. Configuring the pitch contour. *Praat: doing phonetics by computer*, 2019. Disponível em: [https://www.fon.hum.uva.nl/praat/manual/Intro\\_4\\_2\\_Configuring\\_the\\_pitch\\_contour.html](https://www.fon.hum.uva.nl/praat/manual/Intro_4_2_Configuring_the_pitch_contour.html). Acesso em: 1 jul. 2024.
- BROWN, G.; YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. 1981. Tese (Livre-Docência) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1981.
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 23, p. 137–151, jul./dez., 1992.
- CAGLIARI, L. C. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. Volume II: Níveis de análise linguística. 4. ed. rev. Campinas: Edunicamp, 2002.
- CÂMARA, A. L. A construção relativa no português brasileiro: aspectos prosódicos delimitativos. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 24–37, 2015.

TOJEIRA-RAMOS, J. P.; GUIRALDELLI L. A.

CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar: Complex and derived constructions*. New York: Mouton, 1997. v. 2.

DIK, S. C. *The theory of functional grammar: The structure of the clause*. Dordrecht/Providence: Foris, 1989. v. 1.

FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese: Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.

GALVÃO PASSETTI, G. H. *Coordenação de constituintes não oracionais por meio de ‘mas’ nas variedades portuguesas sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional: Concessão e Contraste*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) — Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, 2021.

GARCIA, T. S. *As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da gramática discursivo-funcional*. 2010. 176 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) — Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, 2010.

GONÇALVES, C. A. V. *Focalização no Português do Brasil*. 401 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) — Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

GUIRALDELLI, L. A.; TOJEIRA-RAMOS, J. P. As características prosódicas da subordinação predicativa finita na gramática do português: uma perspectiva discursivo-funcional. In: 70º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), 2024, Campinas, SP. *Caderno de resumos do 70º Seminário do GEL*, 2024. v. 1. p. 247.

HAYES, B. The prosodic hierarchy in meter. In: KIPARSKY, P.; YOUMANS, G. (ed.). *Rhythm and Meter*. Orlando, FA: Academic Press, 1989.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: University Press, 2008.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. Gramática discursivo-funcional. In: SOUZA, E. R. F. *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. Tradução: Marize Mattos Dall’Aglio-Hattner. São Paulo: Contexto, 2012. p. 43–85.

KEIZER, E. *A Functional Discourse Grammar for English*. United Kingdom: Oxford University Press, 2015.

KROON, C. *Discourse Particles in Latin* (Amsterdam Studies in Classical Philology 4). Amsterdam: Gieben, 1995.

MORAES, J. A.; RILLIARD, A. Entoação. In: OLIVEIRA JR., M. (org.). *Prosódia, prosódias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2022. p. 45–66.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 2007. Obra original de 1986.

NEVES, M. H. M. *A gramática do português revelada em textos*. São Paulo: Edunesp, 2018.

ANÁLISE PROSÓDICA DAS CONSTRUÇÕES SUBORDINADAS PREDICATIVAS FINITAS À LUZ DA GRAMÁTICA DISCURSIVO-FUNCIONAL

- OLIVEIRA JR., M. O que é entonação. *In: OTHERO, G. A.; FLORES, V. N (org.). O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana.* São Paulo: Parábola, 2022. v. 1. p. 261–265.
- PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. *In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos.* 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. v. 3. p. 165–218.
- PEZATTI, E. G. A gramática discursivo-funcional e a coordenação. *In: PEZATTI, E. G.; CAMACHO, R. G.; HATTNER, M. M. D. A. (org.). Construções coordenadas nas variedades portuguesas: uma abordagem discursivo-funcional.* São Paulo: Mercado de Letras, 2021. p. 17–68.
- RODRIGUES, A. T. C. A prototipicidade das orações predicativas. *Scripta*, v. 5, n. 9, p. 197–202, 2001.
- SILVA, T. C. *Dicionário de Fonética e Fonologia.* São Paulo: Contexto, 2015.
- SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.* 11. ed. São Paulo: Contexto, 2022.
- SONCIN, G. C. N. As vírgulas não-convencionais em textos dissertativos produzidos em ambiente escolar: indícios de organização prosódica, evidências dos imaginários sobre a escrita. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 389–402, 2012.
- SOUZA, E. R. F. de. A oração completiva nominal. *In: PEZATTI, E. G. (org.). Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional [online].* São Paulo: Edunesp, 2016. p. 217–248.
- SOUZA, C. N.; GUIRALDELLI, L. A. A oração predicativa. *In: PEZATTI, E. G. (org.). Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional [online].* São Paulo: Edunesp, 2016. p. 75–92.
- STETSON, R. H. *Motor Phonetics.* Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1951.
- TENANI, L. Fonologia Prosódica. *In: DA HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (org.). Fonologia, fonologias: uma introdução.* São Paulo: Contexto, 2017. p. 109–124.
- THOMPSON, S. Aspects of cohesion in monologue. *Applied Linguistics*, v. 15, p. 58–75, 1994.
- TOJEIRA-RAMOS, J. P. *Introdução aos estudos de linguística funcional: Gramática Funcional e Gramática Discursivo-Funcional.* Relatório Final de Estágio de Formação Básica - Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020.
- TOJEIRA-RAMOS, J. P. Tópico de Teoria e Análise Linguística: a Gramática Discursivo-Funcional. *Ao Pé da Letra*, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, v. 23, n. 1, p. 16, 2021.
- TOJEIRA-RAMOS, J. P.; PEZATTI, E. G. Análise prosódica da oração relativa apositiva sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. *In: Escola de Estudos Linguísticos do GEL*, 2. 2022a. São Paulo. *Caderno de Resumos: Comunicações Orais*, 2022a. p. 29-30.

TOJEIRA-RAMOS, J. P.; GUIRALDELLI L. A.

TOJEIRA-RAMOS, J. P.; PEZATTI, E. G. As propriedades prosódicas da oração relativa padrão sob a abordagem da Gramática Discursivo-Funcional. *Mosaico*, São José do Rio Preto, v. 21, n. 1, p. 143-171, 2022b.

TOJEIRA-RAMOS, J. P. Descrição prosódica da correlação consecutiva expressa por 'tão... que' no português brasileiro. In: Congresso de Iniciação Científica da Unesp, 35. 2023. *Anais do XXXV Congresso de Iniciação Científica da Unesp*. Atibaia, SP: Even3, 2023a.

TOJEIRA-RAMOS, J. P. *Relatório Científico Final do projeto de pesquisa intitulado "Construções correlatas consecutivas na gramática do português: uma perspectiva discursivo-funcional"*. Plano de Trabalho: Propriedades Fonológicas da Correlação Consecutiva. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Proc. N°. 2020/15623-7), nov. 2023b.

TOJEIRA-RAMOS, J. P. A caracterização prosódica da correlação consecutiva no português brasileiro. In: SILVA, J. B.; DANTAS, E. R.; SILVA, F. C.; ARAUJO, S. S. F.; SANTIAGO, H. S.; BARREIROS, L. L. S.; NASCIMENTO, L. (org.). *Diversidade linguística e práticas discursivas no contexto brasileiro*. Tutóia, MA: Lupa, 2024. p. 59–80.

TOJEIRA-RAMOS, J. P.; GUIRALDELLI, L. A. The phonological coding of the finite predicative subordinate construction in Portuguese. In: International Conference on Functional Discourse Grammar, 8. 2024. São Carlos. *FDG 2024 Book of Abstracts*, 2024. v. 1. p. 26.

VENDITTI, J. J. The J\_ToBI model of Japanese intonation. In: JUN, S. (ed.). *Prosodic Typology*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 172–200.